
PROJETO AURIS - SURDEZ

Estudantes:

Ana Luiza Castro Custódio
Camilla Paola Evangelista Reis
Suhaila Bessa Reis

Orientadoras:

Janaina Aparecida de Oliveira
Maryanny Martins de Rezende Oliveira
Kaline Alice Carvalho de Oliveira
Amanda Luiza Rodrigues

Escola:

Escola Municipal Professor Sérgio de Oliveira Marquez

Introdução e justificativa

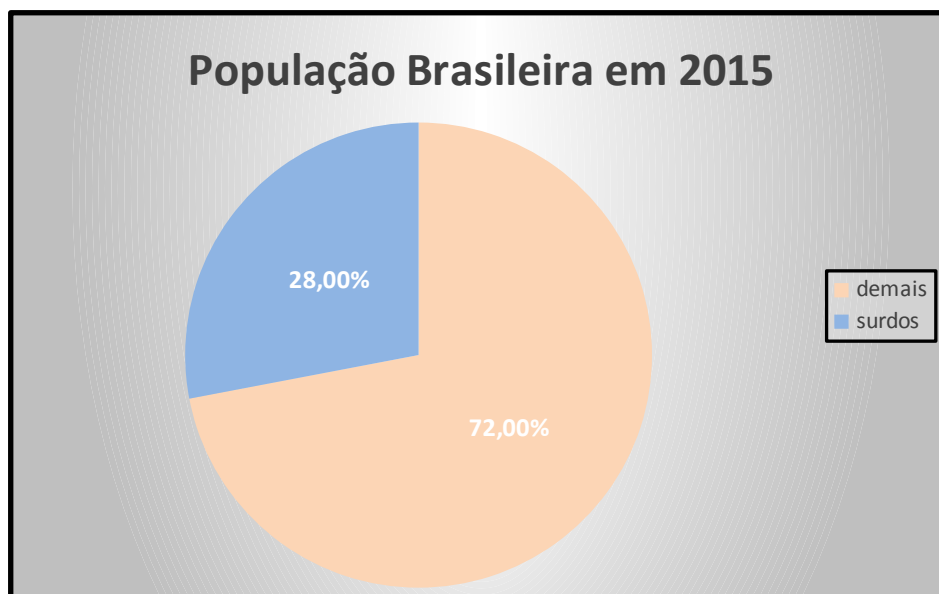
Vivemos em um mundo desigual, sendo o Brasil um dos 15 países que apresentam maior índice de desigualdade. Dentre todas as desigualdades existentes em nosso país, podemos citar algumas que são mais relevantes: a social, alimentar, de ensino, entre outras. Mas, também apresentamos desigualdade com pessoas portadoras de necessidades especiais, em particular com as pessoas surdas.

A audição é um dos sentidos mais importantes e tem função primordial na comunicação e preservação da espécie, já que está ligada a função de alerta. Para os surdos, a surdez não é uma deficiência e sim uma outra forma de experimentar o mundo. Mais do que isso, a surdez é uma potencialidade, que abre portas para uma cultura própria muito rica, que não se identifica pelo que ouve ou não. Na comunidade surda não há “perda auditiva”, mas sim um “ganho surdo”. Campos (2014, p.48) define o surdo como [...] aquele que aprende o mundo por meio de contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social.

Há quem ache que a realidade da deficiência auditiva está distante de nós, mas a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou em 2015, conforme gráfico abaixo, que no

Brasil existia um total de 28 milhões de pessoas com surdez. Na época, esse índice representava 14% da população brasileira.

Gráfico 1: Representação da população surda no Brasil em 2015.



Fonte: Dados da Organização Mundial da Saúde.

Além disso, temos outro dado preocupante revelado pela OMS que afirma que 900 milhões de pessoas em todo o mundo poderão vir a ter surdez até o ano de 2050, isso é quase o dobro da quantidade atual (Fonte: Agência Brasil).

Nos últimos 15 anos, a comunidade surda veio adquirindo diversas conquistas, dentre elas a aprovação da Lei nº 10.436 que marca não só o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (libras) como oficial no Brasil, mas também o início da conquista de direitos por parte dessa população. Além disso, temos outra conquista importante em 2005, que é o decreto nº 5.626 que torna obrigatória a disciplina de libras nos cursos de formação de professores de nível médio e superior. Outro ganho são os cursos de Libras, tradutores e intérpretes para professores de instituições federais. Atualmente, o número de universidades que oferecem vagas ao surdo também aumentou, assim como a quantidade de deficientes auditivos cursando mestrado e doutorado e produzindo materiais voltados para a comunidade surda. Temos também aplicativos de tecnologia assistiva que faz a tradução da língua portuguesa para Libras.

Apesar de todas as conquistas ditas anteriormente, os deficientes auditivos enfrentam diversas dificuldades em seu cotidiano ao realizar atividades que para nós ouvintes (forma como

os surdos denominam quem é capaz de ouvir) são consideradas simples mas que se tornam complexas devido a falta da audição. Dois exemplos bem simples podem ser citados são: uma pessoa tocar a campainha de sua casa e não ouvir o choro de seu filho. A partir daí nos surgem diversas dúvidas: como deve ser criar um filho sem que haja a comunicação auditiva? Como os surdos sabem quando tem alguém tocando a campainha e/ou batendo no portão de suas casas?

São questões como essas que nos aguçaram a refletir: como é a vida quando o silêncio é o ruído mais agudo que se ouve? Tendo isso em mente, nós com a ajuda de terceiros desenvolvemos um projeto o qual facilitaria a vida da pessoa surda para a execução dessas atividades simples do cotidiano que envolvem o som.

Objetivos

A pesquisa busca ajudar pessoas com deficiência auditiva a se sentirem mais inseridas na sociedade, abrindo um leque de oportunidades ao ver ou sentir os sons – não é tão fácil quanto parece na sinestesia involuntária, vista em obras literárias ou em ditos comuns. Objetivamos, por meio de um protótipo, quebrar paradigmas, intencionando mostrar que a deficiência não diminui sua capacidade. Um alerta colorido pode trazer um certo conforto quando se trata de estar alheio ao que é emitido ao redor de si.

Metodologia

De início, entrevistamos a deficiente auditiva e universitária, Vitória Gonçalves, com o auxílio de uma intérprete de Libras, Adriana Castro, para que transcrevêssemos na íntegra. Foram feitas perguntas sobre as dificuldades enfrentadas pela entrevistada. Houveram relatos de que no trânsito é tudo através da observação e das sinalizações das ruas; para atender alguma visita que toca a campainha é necessário que a pessoa avise que está na porta através de mensagem; as mães surdas dormem próximas ao bebê para que ao notar a agitação elas possam auxiliá-lo, assim como os cães.

Através de pesquisas, descobrimos que há um sistema que é instalado aparelhos parecidos sensores de movimentos nos cômodos da casa de forma que sempre que a acionada a campainha ele emite uma luz para alertar. Entretanto esse sistema requer um grande investimento financeiro. Assim, como na escola em que estudamos, todas as sextas-feiras, alunos dos cursos de engenharia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) executam o projeto “Zero Um”, cujo objetivo é promover a interação com alunos da rede municipal de ensino, com a finalidade de

levar uma tecnologia diferenciada para dentro das escolas públicas, nós decidimos unir essa atividade extracurricular com o tema da feira e decidimos criar um protótipo cujo custo é baixo, com instruções da Kaliny e Amanda nas partes físicas e mecânicas, para que através de uma programação específica, esse seria capaz de transformar sons em cores, facilitando assim a vida da pessoa com deficiência auditiva pois, sempre que um som fosse emitido perto dela, o protótipo exibiria uma cor em sinal de alerta. A programação é feita por meio do computador onde é conectado um fio USB para transferir as informações para o Arduino que estará ligado a um sensor denominado ky-037 e ao protoboard.

Contamos a nossa ideia para Vitória que nos revelou que adorou a ideia e a relevância do projeto em sua vida, ressaltando ainda a criatividade. A entrevista nos trouxe proximidade ao público, além de ter aumentado nossas perspectivas ajudando no aprimoramento do projeto.

Conclusões

Ao realizar esse trabalho percebemos o quão importante é o nosso papel na sociedade e percebemos também que com pequenas atitudes nós podemos fazer a diferença na vida de diversas pessoas.

É extremamente gratificante saber que com esse projeto, iremos promover a inclusão fazendo com que as pessoas portadoras de deficiência auditiva se sintam presentes nas atividades de seu cotidiano que antes eram um problema, permitindo assim florescer novos sentimentos, fornecendo melhor qualidade de vida.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. *OMS adverte que 900 milhões de pessoas podem ter surdez até 2050*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/internacional/noticia/2018-03/oms-adverte-que-900-milhoes-de-pessoas-podem-ter-surdez-ate-2050>>. Acesso em: 19 de set. 2018.

ARAGON, C.; SANTOS, I. *Deficiência auditiva/surdez: conceitos, legislações e escolarização*. Educação, Batatais, v. 5, n. 2, p. 119-140, 2015. Disponível em: <www.claretianobt.com.br/download?caminho=/upload/cms/revista/sumarios/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CREVILARI, V. *Quase 30 milhões de brasileiros sofrem de surdez*. Editorias: Atualidades, Rádio USP. 19/07/2017. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/quase-30-milhoes-de-brasileiros-sofrem-de-surdez/>>. Acesso em: 20 de ago. 2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Desigualdade no Brasil*. Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/desigualdade-no-brasil/>>. Acesso em: 19 de set. 2018.

SOUZA, M., ARAÚJO, A., SANDES, L., FREITAS, D., SOARES, W., VIANNA, R., SOUSA, A. *Surdos e acesso à saúde*. Rev. CEFAC. 2017 Maio-Jun. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v19n3/1982-0216-rcefac-19-03-00395.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.